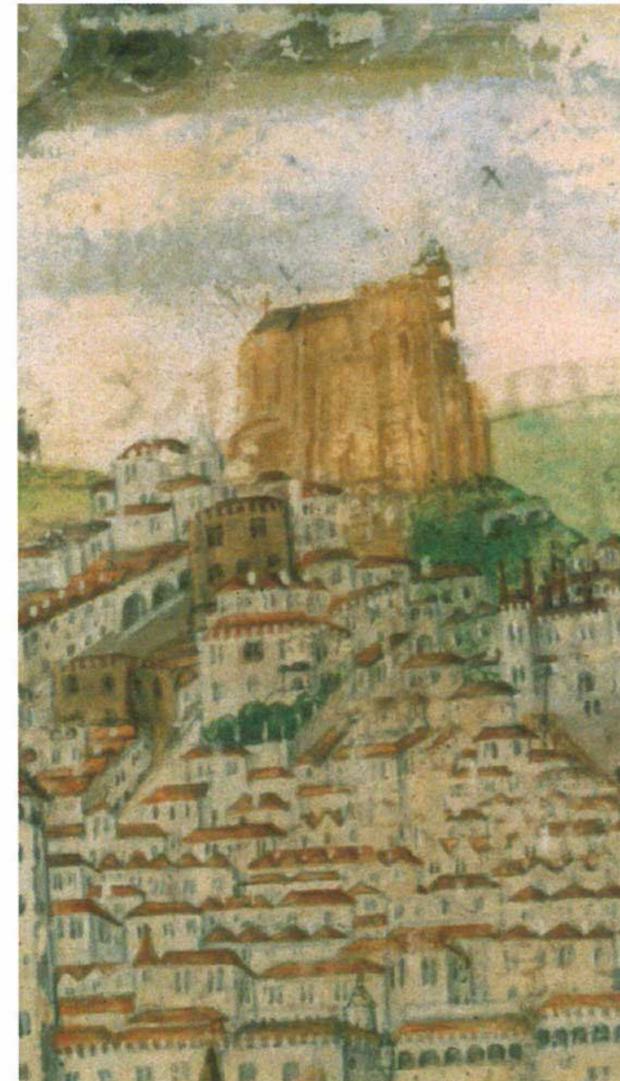


Ruínas da Igreja do Carmo  
e Museu Arqueológico

Ruínas da Igreja do Carmo  
e Museu Arqueológico

# Ruínas da Igreja do Carmo

## Ruínas da Igreja do Carmo



Igreja do Carmo no século XVI.  
Pormenor da panorâmica de  
Lisboa de António de Hollanda.  
Biblioteca-Museu Condes  
de Castro Guimarães.  
Foto: José Pessoa/IPM/DDF

A construção da Igreja do Carmo remonta ao ano de 1389, impulsionada pelo desejo e devoção religiosa do seu fundador, o Condestável do Reino, D. Nuno Álvares Pereira (1360-1431).

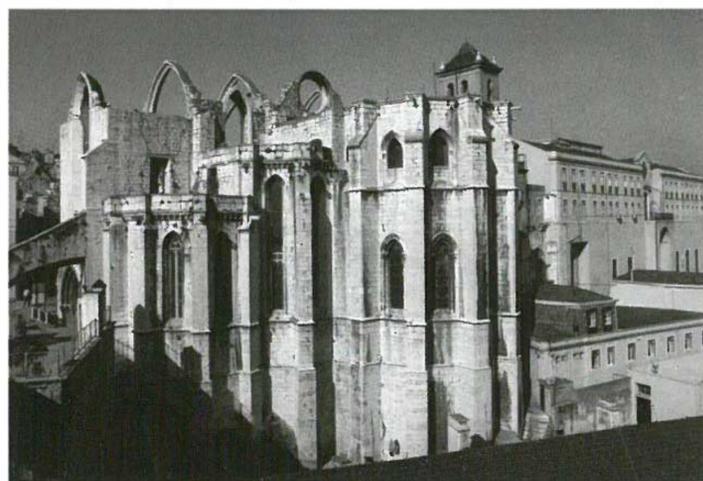
Construída sobre a colina fronteira ao Castelo de S. Jorge, a Igreja do Carmo, pela sua grandeza e monumentalidade, concorria com a Sé de Lisboa e com o Convento de S. Francisco da mesma cidade. Desde cedo este espaço religioso foi considerado emblemático da urbe lisboeta e da própria identidade nacional, pelo facto de lhe estar associado o nome de um dos mais famosos heróis portugueses que, ao lado de D. João I, lutou pela independência de Portugal, contra as pretensões de hegemonia castelhana (Batalha de Aljubarrota, 1385). Ao ter escolhido

*um espaço emblemático da urbe lisboeta*

# *verdadeiro testemunho de arquitectura neogótica experimental*

a Igreja do Carmo para sua sepultura, Nuno Álvares Pereira, marcou, de forma decisiva, toda a história do monumento.

De raiz gótica, o Convento foi recebendo acrescentos e alterações ao longo dos tempos, adaptando-se a novos gostos e estilos arquitectónicos e decorativos. Em 1755, o terramoto que abalou violentamente a cidade de Lisboa, provocou graves danos no edifício, agravados pelo subsequente incêndio que destruiu a quase totalidade do recheio.



Vista nascente da Igreja e Convento do Carmo.  
Foto: Henrique Ruas

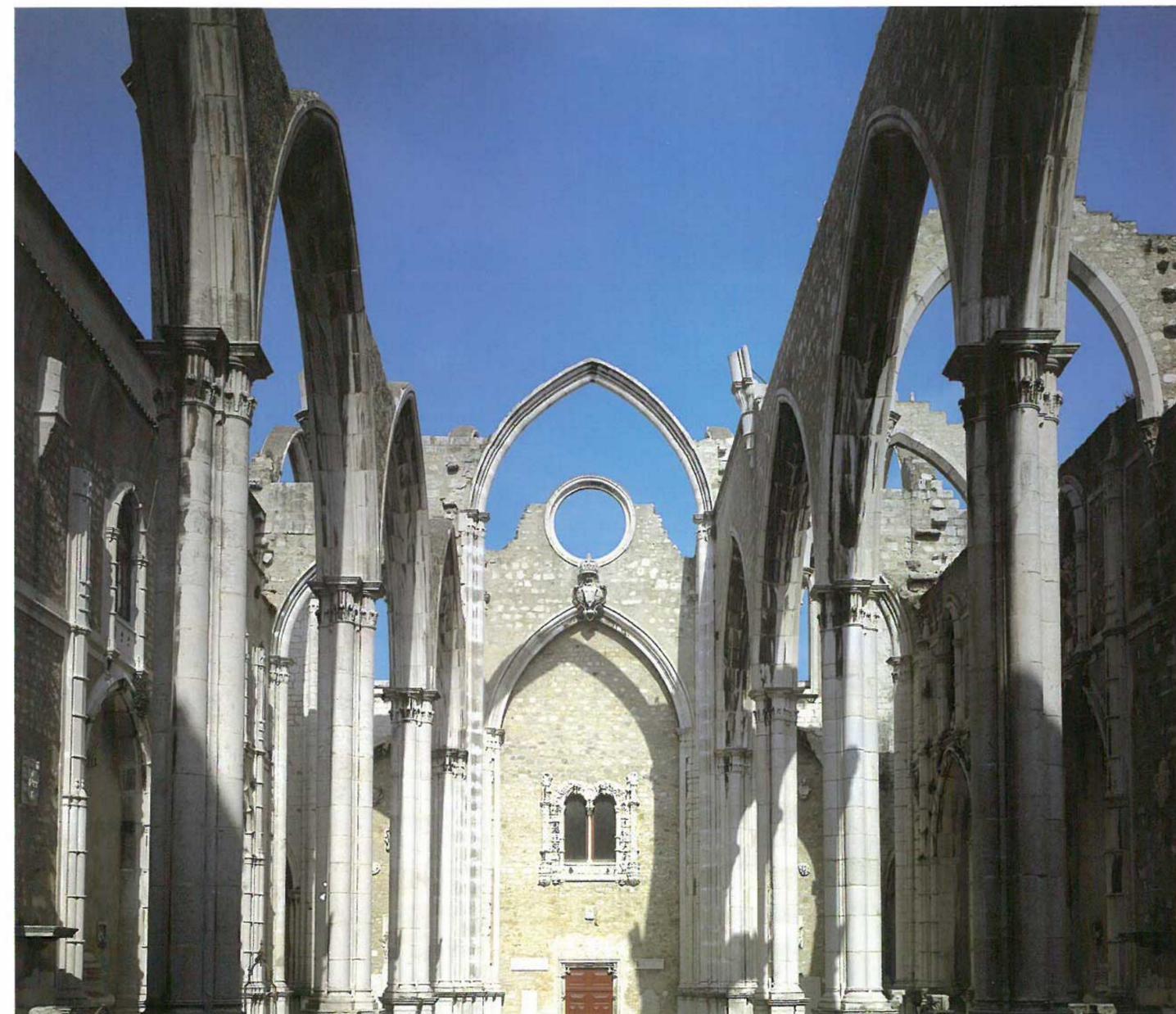
Pouco tempo depois iniciou-se a sua reconstrução, já em estilo neogótico, interrompida definitivamente em 1834, aquando da extinção das Ordens Religiosas. Desse primeiro período construtivo são os pilares e os arcos das naves, um verdadeiro testemunho de arquitectura neogótica experimental, de cariz cenográfico.

Em meados do século XIX, imperando o gosto romântico pelas ruínas e pelos antigos monumentos medievais, optou-se por não continuar a reconstrução do edifício, deixando o corpo das naves da igreja a céu aberto e criando, assim, um idílico cenário de ruína, que tanto agradava aos estetas oitocentistas e que ainda hoje encanta os nossos contemporâneos. As Ruínas do Carmo transformaram-se, assim, num monumento do Terramoto de 1755.

## *idílico cenário de ruína*

Vista das naves da Igreja do Carmo.

Foto: José Pessoa/IPM/DDF



## O Museu Arqueológico do Carmo

# O Museu Arqueológico do Carmo



Placa com decoração zoomórfica.  
Calcolítico. Cerâmica.  
Vila Nova de São Pedro, Azambuja.  
Foto: José Morais Arnaud

O Museu Arqueológico do Carmo (instalado nas Ruínas da Igreja do Carmo) foi fundado em 1864 pelo primeiro presidente da Associação dos Arqueólogos Portugueses, Joaquim Possidónio Narciso da Silva (1806-1896). O Museu nasceu dos objectivos de salvaguarda do património nacional que se ia delapidando e deteriorando, em consequência da extinção das Ordens Religiosas (1834), e dos inúmeros estragos infligidos durante as Invasões Francesas e as Guerras Liberais.

Possidónio da Silva foi reunindo inúmeros fragmentos de arquitectura e escultura, bem como monumentos funerários de grande relevo



Sarcófago das Musas.  
Séculos III-IV. Mármore.  
Valado dos Frades, Nazaré.  
Foto: José Pessoa/IPM/DDF

artístico, painéis de azulejos, pedras de armas, e outros objectos de diferentes características.

Destinado a ser um “museu vivo”, onde os interessados pudessem conhecer as técnicas arquitectónicas e artísticas, o Museu cedo pôde contar com uma biblioteca, que ainda hoje se conserva, exposta, em parte, numa das salas do Museu.

Nos finais do século XIX, o Conde de S. Januário, também presidente da Associação dos Arqueólogos Portugueses, ofereceu ao Museu parte da sua colecção de cerâmicas pré-colombianas e duas múmias do mesmo período. Esta colecção “exótica” constitui um dos principais atractivos do Museu, na medida em que é o único museu português, e um dos poucos museus da Europa, a possuir duas múmias, em exposição permanente.

Entre o último quartel do século XIX e o terceiro quartel do século XX, deram entrada no Museu importantes colecções de Arqueologia Pré e Proto-Histórica, provenientes de diferentes

Túmulo de D. Fernando I.  
1380-1383. Pedra calcária.  
Convento de S. Francisco  
de Santarém.  
Foto: José Pessoa/IPM/DDF



escavações arqueológicas, entre as quais se destaca a colecção de Vila Nova de São Pedro (Azambuja – período Calcolítico – 3500-2500 a.C.), contando actualmente com cerca de mil artefactos em exposição permanente.

De todo o variado e eclético espólio do Museu, têm especial destaque o *Sarcófago das Musas* (romano, séculos III-IV d.C); três fragmentos escultóricos de origem moçárabe (século X),

*espaço de fruição estética, de cultura e de repouso*

# Espaço de Cultura e Ilha de Sossego

testemunho do culto e da arte cristã realizada em Lisboa durante o domínio político muçulmano; o Túmulo do Rei D. Fernando I (1380-1383), obra-prima da escultura gótica portuguesa (recentemente restaurado); as quatro placas de alabastro esculpidas em baixo-relevo, provenientes das oficinas de Nottingham (Inglaterra – meados do século XV – com cenas da *Paixão de Cristo*); o monumental túmulo barroco da rainha D. Maria Ana de Áustria (mulher de D. João V), realizado a partir de projecto de Joaquim Machado de Castro, e ainda um conjunto de 14 painéis de azulejos barrocos (c. 1780, oficina de Francisco Jorge da Costa), alusivos à *Paixão de Cristo*. Tem também especial destaque a colecção de 101 pedras de armas (brasões e lápides com escultura de temática heráldica), sendo a mais



notável a lápide com o brasão de Fernão Álvares de Andrade (século XVI), realizada a partir de desenho de Francisco de Holanda.

Em 1995-1996, quando o Metropolitano de Lisboa estendeu as suas linhas até ao Chiado, as obras de construção de dois túneis no subsolo da colina do Carmo, provocaram sérios danos ao edifício e foi necessário proceder à consolidação das estruturas. O Museu esteve encerrado sete anos, durante os quais se procedeu também à total remodelação da exposição permanente, dotando-a de novas

**Fragmento de um friso escultórico renascentista com grotescos.**  
Século XVI. Calcário.  
Proveniência desconhecida.  
Foto: José Pessoa/IPM/DDF



**Ressurreição de Cristo.**  
Placa de um conjunto retabular com cenas da Vida de Cristo, esculpidas em relevo e com vestígios de policromia.  
Século XV. Oficina inglesa.  
Foto: José Pessoa/IPM/DDF

vitruvas e expositores, dispendo-se as obras por núcleos cronológicos ou temáticos, instalando-se nova e adequada iluminação e procedendo-se ao restauro de muitas das peças mais importantes.

Reabriu em Julho de 2001, e conta actualmente com cerca de 60 000 visitantes anuais (entre o público nacional e estrangeiro).

Inseridos neste processo de modernização, foram também criados, em 2002, o Serviço Educativo do Museu (para a realização de visitas guiadas e *ateliers* infantis) e um novo espaço de *Livraria/Loja*, no qual o público pode adquirir peças do *merchasing* do Museu, roteiros de exposição (em português e inglês), brochuras divulgativas e publicações da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Ao longo de mais de um século de existência e de serviços prestados à comunidade científica e ao grande público, o Museu Arqueológico do Carmo permanece envolto na sua

**Painel azulejar barroco.**  
Século XVIII. Oficina de Manuel dos Santos.  
Seminário de S. Patrício, Lisboa.  
Foto: Paulo Cintra/Laura Castro Caldas



“aura romântica” e oferece, agora, um espaço de fruição estética, de cultura e de repouso, uma espécie de “ilha de sossego” em plena baixa lisboeta.



Associação dos Arqueólogos Portugueses



### Informações úteis

Museu Arqueológico do Carmo

Largo do Carmo

1200-092 Lisboa – Portugal

Tel.: 21 347 8629 / 21 346 0473

Fax: 21 324 4255

[www.museusportugal.org/aap](http://www.museusportugal.org/aap)

### Como chegar

Metro: Baixa/Chiado

Autocarros: 58, 103, e *Bairro Alto Astral*

Eléctrico: 28

### Horário de funcionamento

De Segunda-feira a Sábado  
das 10h00 às 18h00 (Maio a Setembro)

De Segunda-feira a Sábado  
das 10h00 às 17h00 (Outubro a Abril)

Encerrado aos Domingos, Natal,

Ano Novo, 1.º de Maio

© Associação dos Arqueólogos Portugueses | 2003

### Coordenação

José Morais Arnaud  
Carla Varela Fernandes

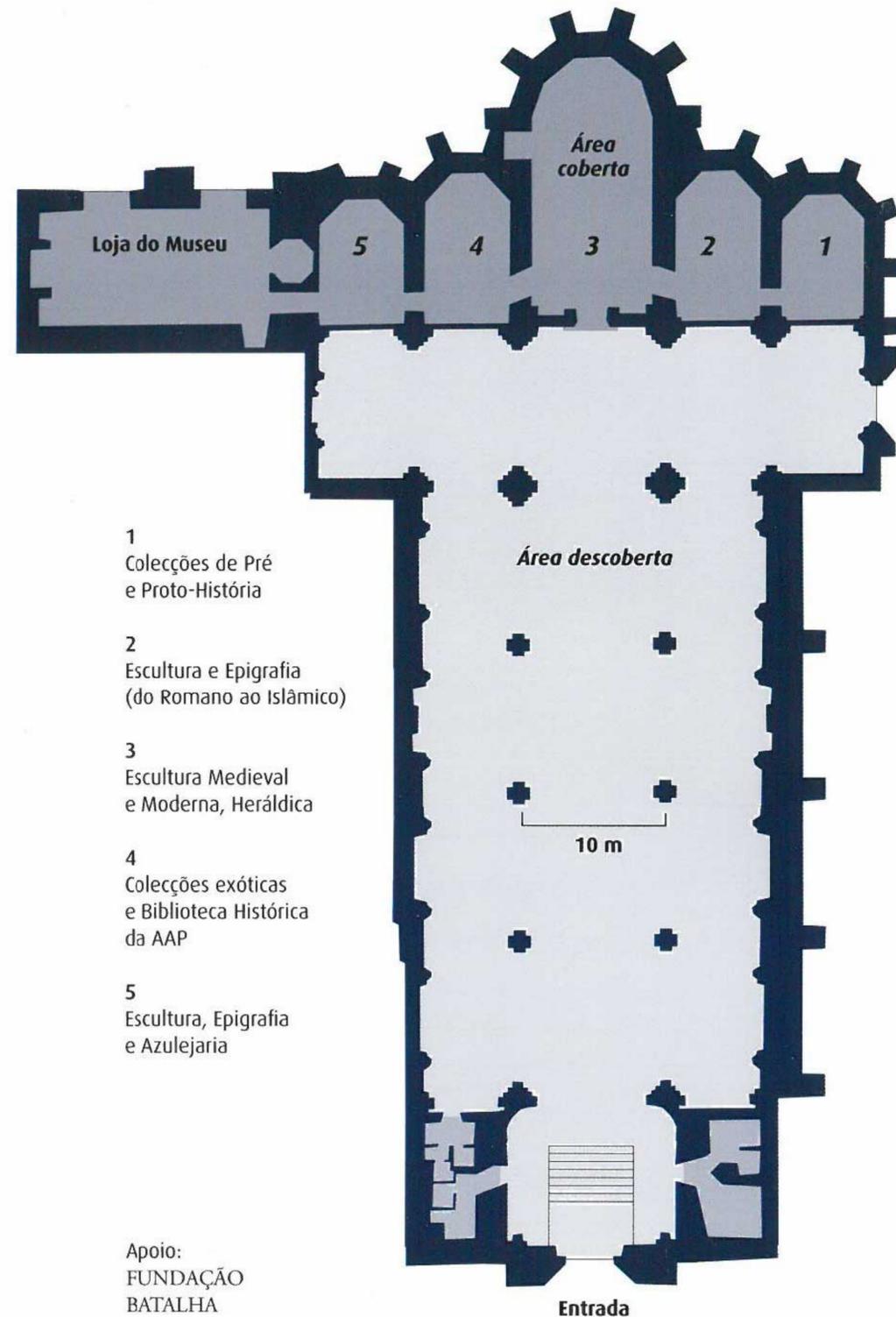
### Projecto Gráfico

*oficina de design* Nuno Vale Cardoso

### Pré-impressão e impressão

Textype

Apoio:  
FUNDAÇÃO  
BATALHA  
DE ALJUBARROTA



Loja do Museu

5

4

3

2

1

Área  
coberta

Área descoberta

1  
Colecções de Pré  
e Proto-História

2  
Escultura e Epigrafia  
(do Romano ao Islâmico)

3  
Escultura Medieval  
e Moderna, Heráldica

4  
Colecções exóticas  
e Biblioteca Histórica  
da AAP

5  
Escultura, Epigrafia  
e Azulejaria

10 m

Entrada



**MAC**

MUSEU  
ARQUEOLÓGICO  
DO CARMO